



OS RIDÍCULOS

Nº 216 — 19-12-74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO — 7\$50

**ESTOU FARTO DE TIRAR
MERDA... E NÃO HÁ MEIO
DE ME DESATASGAR DE VEZ!**



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Nesta volta ao mundo no meu heli-pulga particular, vi muitas coisas giras. Até parecia um folheto duma agência de viagens maravilhosas. E se fosse?

Vocês querem saber o que eu punha desta semana? E é tudo verdade! Verdadinha...

ESPAÑHA, 11 — O pároco duma locali-

dade ao sul de Espanha ressuscitou o velho rito eclesiástico de fazer preces colectivas "ad petendam pluviam" que é como quem diz, pedindo que chova.

Com certeza que os não católicos adoptaram os cantos colectivos subordinados ao tema "Tomara que chova... três dias sem parar!" Mas pelos vistos até agora nem

uns nem outros tiveram sorte. Em Espanha não chove. Em Espanha está tudo a pedir chuva.

PARIS, 12 — O governo francês continua as velhas tradições do "panache" da velha França! (Oíça lá ó seu palerma, olhe que "panache" quer dizer atitude de galanteria,

de desportivismo, de nobreza, de galhardia, e de muitas outras coisas que não são isso que você estava a pensar!) Pois como ia dizendo o governo Francês votou uma verba de cerca de 16 mil contos para subsídio dos três principais jornais da oposição: o "L'Humanité" (comunista), "La Croix" (católico) e "Quotidien

de Paris" (esquerdista). Aí seu Giscard!

LONDRES, 11 — Os ingleses estão mesmo à rasquinha. A Arábia Saudita mandou dizer que não aceitava libras para pagamento de petróleo. Agora se quiserem, têm que pagar noutra moeda — possivelmente o dólar —. Ora vocês estão a ver: Os ingleses até agora têm pago o petróleo com as libras, e os árabes voltaram depois a investir essas mesmas libras em Inglaterra, de forma que a coisa lá se ia aguentando, porque o papélinho com o retrato da rainha sempre voltava para onde tinha saído.

Mas agora, as coisas começam a entortar. E até parece, mal comparado, quando aqui há muitos anos, os ingleses mandaram dizer à gente que não aceitavam o nosso escudo... Cá se fazem e cá se pagam!

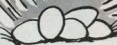
NAÇÕES UNIDAS, 11 — Vivam as mulheres! Foi entregue ao secretário geral da ONU, senhor Kurt Waldheim uma **DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER**, assinada pela Rainha Juliana da Holanda, pelo Xá da Pérsia, pelo presidente Ford dos Estados Unidos, pelo presidente da Argélia, pelo presidente da França, pelo presidente Tito da Jugoslávia e por Harold Wilson da Inglaterra. Então... e a gente? Não mandou nada? Não há direito!



ESTAS GALINHAS QUE CACAREJAM NA
ESQUERDA, E PÕEM OS OVOS NA DIREITA...
FAZEM-ME LEMBRAR
CERTAS PESSOAS
QUE EU CÁ SEI!...

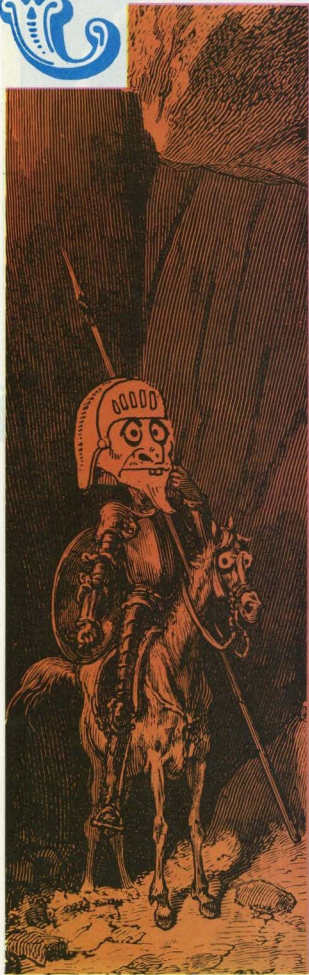


CÓ-CÓ- CÔ-CÔ
CÓ-CÓ- CÔ-CÔ





CRÔNICAS MEDIEVAIS



EL-REI

— D. Briolanja, senhora minha: prestes ireis celebrar o vosso aniversário. Quereis dizer-me que prenda vos apraz vos ofereça?

D. BRIOLANJA

— Ai, senhor meu esposo! Não faleides em aniversários! Desde que fomos exilados do nosso reino que sinto verdadeiramente o peso dos anos...

EL-REI

— Não penseisdes nisso. Lembraide-vos apenas que por nossa parte nos safamos como aqui muito para nós eu nunca pensei que sucedesse. Apesar de eu contar com a profunda dedicação e amor do meu povo, às vezes tinha umas certas dúvidas...

D. BRIOLANJA

— Terieisdes dúvidas por andar sempre na lua! Cá por mim já há muito tempo que eu não dava nada pelo nosso reinado...

EL-REI

— Pois quê? Também vós tinheis dúvidas sobre a dedicação do nosso povo?

D. BRIOLANJA

— Deixai-de-vos de fitas! Quem vos metia essas ideias na real pinha era essa corja de safados que vivia e se governava à nossa custa! E afinal ficaram todos ricos, e nós andamos para aqui sem cheta...

EL-REI

— Schiu! Não digaiades bazeiras, preclara e ilustre consorte! Todos esses que se foram abotoando na minha corte, vão agora começar a dar contas aos infieis que nos exilaram! Acaso visteis nos pasquins o rol dos crimes de que acusaram o mui ilustre senhor da casa dos Ramiros ali ao Lumiar?

OS 450 MIL DOBROES

D. BRIOLANJA

— Qual deles, meu senhor? O das máquinhas dos bonecos?

EL-REI

— Esse mesmo! Terá que dar conta dos milhares de dobrões que fanou...

D. BRIOLANJA

— Vejam lá que malandro! E se calhar ainda dizia que era para ter gentilezas com as nobres damas da corte...

EL-REI

— Mas é como vos digo, minha pindérica consorte. Lá irão caindo todos.

D. BRIOLANJA

— Pois talvez caiam. Mas nós também, por aqui andamos a penar...

EL-REI

— Senhora D. Briolanja, não sejaiades parva. Então vós acaso haveis metido no vosso enfestado bestunto que eu, vosso amo e senhor, rei todo poderoso do nobre reino portugalense, senhor de tantas e tantas terras e gentes, ficaria assim apanhado com as calças na mão?

D. BRIOLANJA

— Pois claro! Nem outra coisa poderia pensar! Afinal o que foi que vos deixaram trazer? Alguns oíritos, uns anelitos e um fio muito delgado...

EL-REI

— Silêncio! Bem sabeides que esse nome nunca deve ser pronunciado na minha real presença!

D. BRIOLANJA

— Desculpaide, já me esquecia. Um fiozito muito estreitinho, com uma medalhinha da senhora de...

EL-REI

— Outra vez! Pronto, já disse! Vieram esses ouros e pouco mais, não foi?

D. BRIOLANJA

— Claro! E quando não tivermos quem nos pague a hospedaria... como vai ser? A quem vamos nós pedir reivindicações?

EL-REI


— Senhora, para parvalhona só vos faltam as penas. Já vos dei a entender que o nosso futuro está assegurado. Ou não acreditaiades em mim?

D. BRIOLANJA


— Pelo que sei, bem lixados ficaram aqueles que em vós acreditaram. Mas explicaide-vos: como pensaiades ter o nosso futuro assegurado? Bem sabeides que toda a nossa fortuna lá




ORA CONTE-NOS...
O QUE É QUE GOSTAVA QUE LHE
PUSESSEM NO SAPATINHO?




OS PREÇOS DE
HÁ VINTE ANOS
E OS ORDENADOS
DO ANO 2.000



Ô "CANUDO"
SEM SER PRECISO
IR ATURAR OS
PARVOS DOS
PROFESSORES



O ESTADO
NOVO...
OS SRS.
TOMAZ,
TENREIRO,
MARCELO,
SILVA PAIS
E OUTROS
MAIS...



UM MAPA DE ESTRADAS
COM O CAMINHO PARA
AS CALDAS

DONA
DE
CASA

EX-LEGIONÁRIO

ESTUDANTE

HISTÉRICA

Ora a gente compreende muito bem essa coisa de ser preciso pôr o selo nos carros.

Andam para aí a dizer cobras e lagartos, que é uma perseguição aos tadinhos dos desgraçadinhos que tem jaguarzinhos, mas a verdade é que vocês têm que compreender que os selos são precisos e pronto. Por isso deixem-se de cantigas e vamos mas a descobrir onde é que a gente



AS NOVAS SELOS

há-de pôr mais selos, que é para ajudar o nosso país a tirar o pé da poça e ficar rico num instante.

Assim num valiosíssimo contributo para esse estudo, eu estudo eu proponho para voamecs discutirem democraticamente, que se passem a impôr os seguintes selos:

— Criações até dez anos, que é para os papás aprenderem a ter juízo e não se metem em cavalarias altas: selo de cem paus por ano. As criações até a um ano de idade estão isentas deste selo, porque geralmente já andam com selos nas fraldas.

— Esposas legítimas, legítimas ou equiparadas, selo de 500 paus. Esposas que demonstrem reincidência do marido, pagam a dobrar. A partir dos quarenta e cinco anos (pelas contas delas, que quer dizer sessenta) ficam isentas de selo e não pagam multa.

— Sogras que vivam à custa dos genros (pelas estatísticas são quase todas) selo de 5

contos, pagos por elas próprias. Se não tiverem com quê serão obrigadas a prestar serviço civico até o pagarem. Esse serviço civico pode ser prestado nas Mônicas, na Mira ou no Aljube. As que tiverem mais de oitenta anos só trabalham meio dia.

— Estudantes que queiram assistir a reuniões de alunos, discutir problemas, proclamar direitos ou tortos, apresentar sugestões, fazer manifestações e outras coisas do mesmo tipo, selo de 10 contos que lhes será afixado na testa para permitir a entrada livre nos recintos dessas meritórias actividades. Os que os não apresentarem poderão optar por frequentar aulas, (quando as houver) ou ir trabalhar no campo, a apanhar a azeitona. Ou os tomates.

— Professores que não tenham pelo menos oito aulas por dia (efectivamente dadas)

selo de 10 contos que vão também para as culturas da batata. Ou para os tomates.

No nosso próximo trabalho apresentaremos mais sugestões para novos selos. Por agora estas já devem dar um bom rendimento ao país.

BOATOS

Mesmo que o boato seja uma coisa muito chata — toda a gente o diz e portanto deve ser verdade — a gente tem que concordar que um boato-zinho dá um gozo bestial. As vezes ouve-se uma coisa aqui e outra ali... e a gente fica a pensar.

Outro dia estavam numa esquina uns fulanos a dizer que sabiam muito bem quem é que era o chefe da maioria silenciosa. Ena pá! Disseram cada nome! Eu cá até me arripieto todo! Olhem: um garantia que era o António Melo, imaginem!

Só o que os safava da certeza é que ele coitado costuma estar sempre em minoria; porque lá silencioso é ele... Boatos!

OS GRUPOS

- Olha quem ele é — o Necas! Senta-te, "pá", toma qualquer coisa...
- Obrigado, Zé. Vai uma "bica"...
- Então, "pá" — que fazes?
- Ando na Faculdade.
- Continuas a estudar, portanto!
- A estudar, a estudar, não...
- Mas, dizes que andas na Faculdade!?
- Digo e ando!
- Quê, arranjaste lá emprego?
- Não, "pá", não é isso... ando lá para tirar o curso...
- O curso? ! Qual curso?
- De médico!

cont. na pag. 11



Mas aquilo que nos fez ficar a tremer foi a chegada do Jacinto ao nosso grupo e depois de olhar em volta naquele velho estilo de ver se havia pides ali perto inclinou-se para o meio e disse em voz baixa:

— Eh pá! Diz que esta manhã houve um grande levantamento no Porto...

Ficámos entupidos. Porra, que raio de chate! — Quem foi que te disse, ó Jacinto?

E ele misterioso: — É pá toda a gente já sabe! A malta no Porto levantou-se toda esta manhã, para ir para o trabalho...

Boatos...

o CHICHI

Sempre existiram — desde sempre, cremos — aquelas questões que, a partir de certas alturas (quando, não sabemos, nem interessa), se convencionou chamar “questões de lana caprina”, “questões de caracacá” ou “questões de cacá”...

Nunca — que nos lembre — ouvimos falar de “questões de chichi”. No entanto, elas existem, são tão velhas como as outras (mais, até, exceptuando as últimas que são do mesmo tempo...) e, não são pou-

cas, como se sabe. O “chichi” é, mesmo, uma coisa mais importante que a cacá, pois a prisão de urinas mata mais vezes e, por isso, acortec-se mais, ser um problema... e sobretudo em certos sítios (onde não há nada onde nem para...) ou, certas estações do ano... frias ou chuvosas! Nestes últimos aspectos — em que entra o verbo fazer — não há dúvida nenhuma que o sexo feminino se vê muito mais aflito. Um homem

amanha-se em qualquer sítio, de qualquer maneira e, desde que se volte para o lado certo não dá “barraca” nem ofende a sensibilidade alheia. Para uma mulher, se não houver uma “privada” — ou, uma escada, com a porta aberta e a luz fechada... — a tal “questão (de fazer) chichi”... é mesmo um problema! Além disso, no capítulo dos sítios próprios e privados, para o efeito, enquanto uma multidão de homens pode aliviar-se, ao mesmo tempo, ao lon-

go de uma, duas, três ou, mesmo, quatro paredes de um urinol (nos estádios, por exemplo), as pobres senhoras (quantas vezes, com filhas pequenas, ainda mais “impacientes”...) têm que esperar, ali a pé firme, que saia uma para entrar outra — porque, como se sabe, duas, não podem fazer “isso” ao mesmo tempo, no mesmo exacto sítio! Será muito duro, realmente, como podemos calcular por nós, quando, em aper-tos, temos um ou dois tipos à nossa frente e até parece que nunca mais se despacham... Ora acontece ainda que, na verdade — e, por todo o lado, ao que podemos concluir, ao que mais adiante se lerá — o número de urinois e, os espaços dados aos homens, nas instalações sanitárias mais ou menos públicas, é sempre muito superior a quanto, neste sentido, se concede às mulheres. Se isso, porém, não fosse insuficiente, ainda poderia estar certo... Daí que, como assim não sucede, a injustiça no que concerne às maiores necessidades femininas, é verdadeiramente flagrante. Por isso, daqui das duas todo o nosso apoio a uma senhora americana de Boston que, recentemente, levantou o problema, alto, claro e bom som, porque isto das pessoas fazerem “chichi” — e de reclamar por sítios onde o fazer — não é vergonha nenhuma nem coisa que não seja uma das muitas naturais desta vida. Assim, a senhora — de seu nome Mary Dolon — tem muitíssima razão para falar e pedir providências (e providências) — mas, não as de certas “caixas”... senão, tem que fazer pelas pernas abaixo, contra o que ela acima de discriminação injusta. E, a Comissão Contra a Discriminação do estado de Massachusetts, igualmente assim o entendeu, tendo aberto um debate sobre o assunto. Ali,

naquele debate, a senhora Dolon fez a “análise do chichi feminino e suas atribuições”, acusando ainda a administração de um aeroporto, no qual, embora o número de retretes (paga e grátis) seja igual para homens e mulheres, a inclusão de urinois (para homens, claro), complica os casos...

Francamente, embora não tenhamos presente (nem conheçamos) a planta das instalações sanitárias do aeroporto em causa, nestas coisas do “chichi”, as misturas de sexos parecem-nos, com efeito, descabidas e destituídas de bom senso. Bem basta já que, os que (mais do que as pelo que mais adiante se lerá — o número de urinois e, os espaços dados aos homens, nas instalações sanitárias mais ou menos públicas, é sempre muito superior a quanto, neste sentido, se concede às mulheres. Se isso, porém, não fosse insuficiente, ainda poderia estar certo... Daí que, como assim não sucede, a injustiça no que concerne às maiores necessidades femininas, é verdadeiramente flagrante. Por isso, daqui das duas todo o nosso apoio a uma senhora americana de Boston que, recentemente, levantou o problema, alto, claro e bom som, porque isto das pessoas fazerem “chichi” — e de reclamar por sítios onde o fazer — não é vergonha nenhuma nem coisa que não seja uma das muitas naturais desta vida. Assim, a senhora — de seu nome Mary Dolon — tem muitíssima razão para falar e pedir providências (e providências) — mas, não as de certas “caixas”... senão, tem que fazer pelas pernas abaixo, contra o que ela acima de discriminação injusta. E, a Comissão Contra a Discriminação do estado de Massachusetts, igualmente assim o entendeu, tendo aberto um debate sobre o assunto. Ali,

Repórter Xispas

amalgama

Aquela mulher não se dava nem se vendia — alugava-se!

Era um homem tão baixo, tão baixo, tão baixo... Que se julgava superior a todos os outros!

Desentendimento entre dois múdros:

— “Vai à merda”!
— “Queres muita ou pouca?”

— Então, Zé?...
— Cá vamos...
— Cantando e rindo...
— Não, isso acabou...
Agora é a sério!...



ATENÇÃO AOS BRINDES DE NATAL PARA OS CONSUMIDORES DE GÁS

Hoje sai para a rua disposto a fazer uma daquelas reportagens que a gente vê às vezes na Televisão em que um

foi um desgraçado com a língua de fora a carregar às costas uma bilha de gás. Era este mesmo.

— Olhe, fazia o favor...
— O que é que você quer? Ainda acha que vou de leve, para me estar a fazer parar?
— Querias saber porque é que leva essa bilha às costas... é por causa da greve?
— Pois claro que é! Então você julgava que eu andava a

treinar para moço de fretos? Aqueles raios os partam deixaram de levar p' gás a casa e agora quem alanca sou eu!

— Mas o senhor precisa mesmo assim tanto de gás?
— Olhe lá é os artolas: como é que a minha Miquelina faz os morfos? Ou você quer pagar o almoço à gente no Tavares Rico? Se quer, pague. Se não quer vá à sua vida que eu vou à minha...

ALOMBE SUA BESTA !...

— Não senhor! É para saber o que é que o levou a transportar assim a bilha... Com certeza que h-de ter já batido nalguns lados...
— Bom, lá isso já bati. Já

amachei dois automóveis de luxo, uma bicicleta do padreiro, e pisiei os calças duas senhoras. E agora me mo ali atrás meti a porta-dentro a um 600...

— Oh homem, e isso não o preocupa?
— Nada! Tanto você não viu que foram amitidas as infracções de trânsito?
— Bom dia minha senhora!

Então o carrinho do bêbê faz jeiti?

— Ah, pois claro que faz! O putu até já anda, e isto faz-lhe bem! Olhe, porque é que o senhor está a gravar?

— É uma entrevista para o jornal...
— Ah, não é para a Televisão? Se eu fizer adeus com a mão, não se vê logo à noite?

— Não, minha senhora, isto é para pôr no jornal...
— Que pena! Posso dizer o meu nome? Chamo-me Engrácia da Conceição...
— Muito prazer! Mas olhe lá: não está a sentir um certo cheiro? Talvez a bilha esteja mal fechada...
— Qual! Esse cheiro é do meu Zequinha, que comeu feijões ontem. Não faça caso...
Quando passei à porta do circo, estava o homem das forças a ensaiar para o espectáculo da noite.
— Então o senhor agora em vez de pesos e alteres usa garrafas de gás?
— É verdade! Agora tenho a certeza de ter público.

— Então, Zé, vens para a cama ou não vens? Já te esqueste que hoje era quinta-feira?

— Já vou, já vou, Francaluta!
— Mas para que é isso que trazes aí?
— Oh filha, é que eu ultimamente tenho andado com falta de gás. E assim...

lina querida...
— Mas para que é isso que trazes aí?
— Oh filha, é que eu ultimamente tenho andado com falta de gás. E assim...



senhor muito despeteado ou uma menina muito pirosa, vai por ali fora a mandar parar as pessoas como quem manda parar táxis à hora da refeição (que são todas, como se sabe) e fazendo a todas a mesma pergunta.

E as pessoas até julgam que é o anúncio da lâmina de barbear e respondem:

— Suavidade!
Mas é que eu hoje tenho uma pergunta importante para fazer: muito mais importante do que investigar se eles fazem a barba com lâmina.

E assim peguei no gravador, despeteei-me todo, e fui por essas ruas.

A primeira pessoa que vi

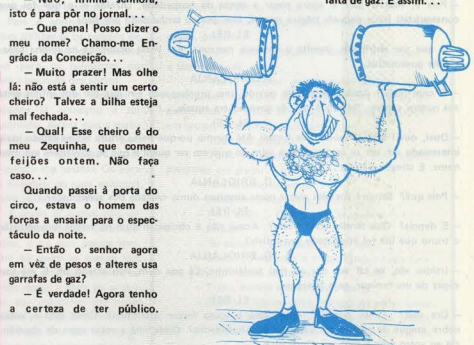


— Só mais uma pergunta: o que é que aprecia mais numa bilha de gás?

— Suavidade, seu sacana! Bom, que o gaço era ordinário já eu tinha percebido. Mas um bom repórter não se atrapalha com tão pouco. Logo na esquina a seguir encontrei outro senhor que tinha quase resolvido o problema: levava a bilha de gás a rotar pelo chão empurrada com um pé.

— Olhe... fazia o favor? Querias uma entrevista...
— Ah queria? Então pere aí que já lhe dou... Travou a bilha como o Eusébio trava as bolas de tabelinha, e continuou:

— O que é que você quer saber? É se eu roubei a bilha?



OS 450 MIL DOBRÕES

cont. da pag. 4

ficou confiscada pelos bárbaros... e tanta pena tenho daquele vestido de brocado com que eu ia assistir às inaugurações dos chafarizes...

EL-REI

— E bem bonito era. Verdade, verdade, fazíamos um lindo par, nós os dois, com os papelinhos de cor a cairem por cima das nossas reais pinhas, e as meninas das escolas a acenar com bandeirinhas e a dar beijinhos...

D. BRIOLANJA

— Pois é, mas o pior é agora pagar a conta da hospedaria. Dizeide lá o que foi que conseguistes fanar naquela trágica manhã, sem que eu tenha dado por isso!

EL-REI

— O que me entristece, inculca e ensonça a matrona, é a vossa descrença na minha capacidade governativa...

D. BRIOLANJA

— E com razão! Acaso não tendes ouvido uma proclamação em que um dos infieis grita aos quatro ventos: "Mas que raio de governo era aquele...!"?

EL-REI

— Ouvi, ouvi! Mas estou-me nas tintas! Até mesmo porque nesta altura tenho estado mais interessado em ver se me governo a mim do que em ver quem é que se governava em meu nome. E chegou a hora...

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Sempre vos ides meter nessa aventura duma cruzada dos silenciosos?

EL-REI

— E depois? Que tendes contra isso? Acaso não é obrigação dum rei tentar reconquistar o trono que lhe foi arrebatado por infieis?

D. BRIOLANJA

— Iredes vós, se tal vos der na real moleirinha. Cá por mim, não arredo pé. E até sou capaz de me reagalar, se o fizerdes...

EL-REI

— Ora essa? Então porquê? Onde está o vosso fervor patriótico? Onde está o vosso nobre sangue da estirpe das Estrudes de Alcabideche? Onde está a vossa regra de obediência ao vosso amo e senhor? Onde está...?

D. BRIOLANJA

— Se quereis saber onde estão as coisas perguntade à sopeira. Eu daqui não arredo pé. Não vou nisso de cruzadas baratas...

EL-REI

— Oh esposa infiel e desbraada! Oh ingrata serpente que alberguei no meu generoso seio! Oh traidora dos sagrados votos do himeneu! Então assim me abandonades?

D. BRIOLANJA

— Não sejaisdes tão atrazadinho mental. Vós é que não percebeisdes que alguns dos galifões da vossa corte que ficaram sem os tachos vos andam a engatar para ver se conseguem ainda voltar para eles. E se vós fordes na cantiga deles, acabareis por comer uma cacetada no alto da piuga, porque se escapasteis da primeira, com certeza que não escapades de outra. E depois eles tornarão a fugir como ratos cada um para o seu buraco e voltarão a dizer que sempre foram vossos inimigos e amigos do povo, e que foi só por dedicação que aceitaram acompanhar-vos...

EL-REI

— Hum... talvez tenhaisdes razão. E afinal agora também já não vamos precisar de fanfas...

D. BRIOLANJA

— Que dizeides? Então falaisdes a sério? Contaide-me, meu amado esposo, contaide-me. Acaso tendes algumas joias escondidas?

EL-REI

— Não só joias, como lecas propriamente ditas! E um bom naco delas!

D. BRIOLANJA

— Eu sempre disse que vós ereides o mais inteligente dos monarcas reinantes. Isso é que se chama reinar! Quanto é? E a quem foi que o sacasteisdes?

EL-REI

— Senhor, tendê tento na alevisos que babujaisdes! Um rei nunca saca! Um rei tributava!

D. BRIOLANJA

— Mas vós já não soides rei! Não podeisdes tributar...

EL-REI

— Acaso vos esqueceisdes que muitas das minhas rendas pessoais eram investidas em faustosas e florescentes empresas?

cont. na pag.14



Hoje, caríssimos cavalheiros, vamos dar-vos a receita de um bolo muito bom... para sogras bêras e vizitas importunas. Trata-se, nada mais nada menos, do nosso (autêntico):

BOLO PODRE

Muito fácil e barato, este bolo. Aí vai a receita:

RECEITA

- Ovos podres.
- Farinha imprópria para consumo.
- Manteiga rançosa.
- Mel falsificado (e cheio de porcarias várias).

(a) Doses à vontade. Quanto mais podre for o bolo... melhor.
(b) O estritamente necessário — para suavisar... — pois, o mel está caro e eles vendem o que não presta ao preço do bom.

CONFECÇÃO

Mistura-se tudo muito bem misturado. Não se prova (...que eu me perigo).

Vai ao forno com as portas abertas — a do fogão e a da rua...

Se não houver azar... Tira-se do forno, tira-se da forma (se preferir, pode usar um tacho... de pressão) e serve-se de qualquer maneira — com chá, com café, com água ou... "a seco!"

PRATO ECONÓMICO

Uma sanduicheia, uma "lambreta" (metade de uma "Imperial", para quem não estiver a par deste vocabulário) ou um "copo de três", uma "económica" (sopa)... e já está!

(Com a carne cara, o peixe caro e o bacalhau (que também é peixe) também caro é o que se pode aconselhar, amigos).

CONSELHOS DE GRAÇA

"DEITAR CEDO E CEDO ERGUER, DÁ SAÚDE E FAZ CRESCER" — diz um ditado muito antigo. E, agora — nesta era de aflição económica — muito aconselhável... muito embora você não cresça (fisicamente) com esse salutar regime (mesmo seja baixo e necessite — nada a fazer...), precisa, de certo, de poupar dinheiro. Se conseguir, isso para crescer o seu desafogo, não é? Pois, deitando-se cedo, poupará, além da energia física, energia eléctrica e, dinheiro de: transportes, cinema, do teatro, cafés, etc., etc. "Mas — perguntará você — se nós fomos fazer isso, como é que as pessoas que vivem, precisamente de não nos deitarmos cedo, vão viver?"

— "Ora... (responderemos dizer) Deitam-se cedo também!... Nunca ouviu dizer que: corpo deitado aguenta muita coisa...? Pois é... E, não se preocupe com as companhias de electricidade nem com a Televisão. Quer você ligue ou não... "tem-no" certo!...

Ora perante as ligeiras fusões que ultimamente se tem verificado nos vários graus do ensino, eu julgo que é da minha mais elementar obrigação trazer aqui a minha valiosa achega para a resolução do problema escolar que incompreensivelmente parece estar a preocupar as pessoas.

Ora se bem me lembro, como diz o meu jovem colega Nemésio, parece que os professores se queixam que não têm alunos, os alunos se queixam porque não têm profes-

sores, as terras queixam-se porque não têm escolas, e as escolas queixam-se porque não têm alunos, nem empregados nem professores.

Só nos ensinos universitários é que a questão se põe doutra forma, isto é os alunos queixam-se de que não têm professores, os professores queixam-se de que não têm aulas e as aulas queixam-se porque não têm lugares.

Portanto, tudo gira mais ou menos à volta do verbo não ter.

Mas eu vou dar uma solu-

FILOSOFIAS DE PATAÇO... TALVEZ NÃO!

O casamento não é um nó — são muitos!

Quando o avô diz ao neto: — “No meu tempo... — em 99 por cento das vezes, está mentindo!

Os honestos de algum dia, são os (chamados) parvos de hoje!

Todos os homens — seja de que maneira for — pensam numa “mulher certa”: os solteiros, porque ainda a não têm; os casados, porque a têm (ou julgam ter...); os viúvos, porque já não a têm!

Muito felizes se devem sentir os animais, por não serem gente!

Quando os filhos fazem coisas bem feitas, são filhos da mãe — quando as fazem mal feitas, filhos do pai... ou vice-versa, conforme seja o pai ou a mãe a dar conta das acções!

Devemos respeitar o Próximo e a mulher do Próximo, olhar pelo Próximo, ajudar o Próximo, defender o Próximo, lutar pelo Próximo... e estar “a pau” com ele!

ção. Primeiro, e no que respeita à falta de aulas, isso é assunto que se resolve com simplicidade. Basta para as escolas primárias utilizar as tasquinhas, que geralmente até têm uma ardósia para escrever os fiados e os preços do carracão e até costumam ter bancos.

Para o ensino médio podiam utilizar-se os campos de futebol, e quando chovesse iam para os balneários ou para a bancada dos sócios.

Para o ensino superior o assunto já começou a ser resolvido: parece que a maioria dos candidatos vão para aumentar a sua cultura, fazer a cultura das batatas. Ou para os tomates, ou para qualquer outra cultura rendosa.

E como se podem aproveitar muitos valores desconhecidos, e ao que parece também há quem se queixe que os cursos estão antiquados, eu lanço daqui a ideia de se juntar aos institutos das novas profissões, alguns cursos superiores que o tempo fez esquecer: o curso artístico de amola tesouras e navalhas, o curso superior de venda de cautelas em lugares públicos, o curso básico de decorador de paredes e tapumes com inscrições escolhidas e seleccionadas em escrutínio secreto e reservado a maiores de oito anos (de prisão maior celular).

Estes cursos deveriam ter a duração de dez a doze anos, que era para as pessoas que os frequentassem ficarem devidamente habilitadas, e podem depois exercer uma actividade sã e altamente produtiva no país, que tanto precisa deles.

Quanto a professores, isso foi chão que deu uvas para vinho a martelo. Trata-se duma raça praticamente extinta, como os meus leitores muito bem sabem, e em vez deles inventou-se já o auto-ensino que é o sucedâneo da auto-gestão das actuais escolas.

Ah! Falta ainda um curso muito importante: o curso superior de cangalheiro.

Porque como é de esperar, o ensino está a preparar um lindo enterro.

OS GRUPOS

cont. da pag. 6

— De médico! Mas, dizes que não estudas... Como é isso, então?

— Administrativamente! — Administrativa... quê?! Troca lá isso em miudos, para ver se te entendo...

— Passamos todos juntos. Trabalho colectivo, união, demo...

— Alto, alto... Repete lá isso, mais devagar... e sem misturas.

— Muito simples: matriculamo-nos em grupo, compramos os livros e o material em grupo, frequentamos as aulas em grupo, fazemos os pontos em grupo, as chamadas são em grupo...

— Tudo em grupo! E, na altura dos exames, passamos em grupo — e já está!

— Assim, simplesmente?!

— Administrativamente, aliás.

— Pois, aliás... Que grande grunção!

— Achas?

— Se acho... E começa já este ano?

— Bem... Andamos a tratar disso e tudo faremos para que assim aconteça!

— Tudo, menos estudar, está claro?!

— Bem... Alguns mais amigos de saber umas coisas, sempre terão que se sacrificar pelo grupo, que se agarrar um bocadito aos livros... Há os pontos...

— Do grupo?!

— Do grupo! Os exames...

— Do grupo?!

— Do grupo! As teses...

— Do grupo?!

— Do grupo! Os estágios...

— Do grupo?!

— Do grupo! As...

— Não digas mais, não digas mais... Já percebi tudo.

— Já?!

— Pois, já... o que vocês não querem é nada!...

— Bem... Alguns, querem... mas, esses, são uns reaccionários, uns...

— Pois claro, pois claro... E quando é que pensas formar-te?

— Dentro de pouco tempo. Em grupo, juntando uns anos... será fácil!

— Então, não é?... “Facilíssimo”!

— Eu depois digo-te, quando abrirei consultório. Se alguma vez estiveres doente...

— Não digas mais, “pá” — não digas mais... Anda lá com a tua vida que, se alguma vez estiver doente, da doença pode ser que eu escape...

— Se isto for possível, vais ver...

— Já estou vendo, “pá”, já estou vendo...

— Então... obrigado pela “bica” e... haja saúde!

— Haja saúde... Muita saúde... para não cairmos nas mãos de algum doutor “do grupo” que nos trate dela... Safa!

AS GRANDES NOTÍCIAS DO PASSADO

OS NOVOS MODELOS DE QUADRIGAS



Roma, idos de Juno: A conhecida fábrica de quadrigas Collossus Industrialis Limitada, vai lançar brevemente no mercado o novo modelo de quadriga de competição, cujos planos foram secretamente conservados pelos seus desenhadores. Consta no entanto nos meios desportivos desta capital que o

novo modelo terá rodas especiais com jantes de duralumínio, equipadas com travões de disco, e arrefecimento recebido directamente das caudas dos cavalos. Nero ordenou já uma proclamação para que os novos modelos sejam apresentados nas próximas corridas do Coliseu, e declarou que se as novas quadrigas derem provas de resistência, equipará com elas duas legiões e invadirá o sul da Gália para as experimentar em campanha.

VANDALISMO PIRAMIDAL

Giseh, meados da monção: — o muí sagrado e celebrado Faraó Keops mandou hoje suspender os trabalhos de construção da segunda grande pirâmide do Egipto, após ter-se verificado que escravos rebeldes vindos possivelmente da Namíbia e que se infiltraram entre os laboriosos escravos construtores do monumento, haviam conspirado as pedras da base da grande pirâmide,

lançando sobre elas jactos de tinta de polvo, com dísticos incitando os escravos a apresentar reivindicações salariais. O magnânimo faraó Keops nosso muito amado senhor mandou queimar os incitadores da agitação, e declarou que se continuassem a verificar-se novos incidentes desse género proibiria a importação no Egipto das tintas em latas de zero-Osiris.



ENGAÑO TRÁGICO

Alpes Transcagantes, inverno: Hanibal acaba de comunicar para Cartago que já lhe não será possível esta estação invadir Romã como estava planeado, visto que, devido a um erro lamentável dos computadores cartagineses, em vez de receber alimentos enlatados para os seus 300 elefantes de combate, lhe foram remetidas 300 embalagens de sopas Knorr. Mesmo apesar de terem sido preparadas pela Lena, os elefantes continuaram a berrar com fome.

ZERO EM COMPORTAMENTO



A VELHA ACADEMIA ESTÁ DE LUTO
NAS AULAS NÃO SE OUVEM JÁ LIÇÕES. . .
ALUNOS, EMPREGADOS, PROFESSORES,
SÓ PENSAM EM FAZER REUNIÕES!

NÃO SABEM NEM PERCEBEM OS PALERMAS
QUE ESTÃO A SER GOZADOS UM A UM. . .
PENSANDO QUE DÃO ORDENS E SENTENÇAS,
NÃO PASSAM DE FANTOCHES DO PUM-PUM. . .

PROCLAMAM EM DISCURSOS INFLAMADOS
QUE TUDO É PRECISO SANEAR. . .
E ESQUECEM QUE AFINAL SÓ PRECISAVAM
ERA DUMA COISA SIMPLES: DE ESTUDAR!

E COMO LHES CUSTAVA RESPEITAR
COMO ERA TRADIÇÃO OS PROFESSORES,
TORNARAM-SE AFINAL RELES DEGRAUS
PARA UNS QUANTOS RELES ESTUPORES. . .

A VELHA ACADEMIA ESTÁ DE LUTO,
PERDEU O GENEROSO SENTIMENTO. . .
O POVO, O GRANDE MESTRE VAI POR CERTO
MARCAR-LHE UM ZERO EM COMPORTAMENTO.





Numa época em que, pode afirmar-se, não é dos carecas que elas gostam mais mas, sim, dos cabeludos, brilha no Oriente uma nova luz de esperança para os calvos deste planeta. Com efeito, é de Moscovo que nos chega a boa nova que, a confirmar-se na prática,

ca, vai dar alegria a muitíssimas gente complexada pela falta do ornamento capilar.

menos velhos e, muito mais, aos novos. Os velhos, se calhar, muitos deles até acham

OS 450 MIL DOBRÕES

cont. da pag. 10

D. BRIOLANJA

— Bem sei, bem sei! ainda me lembro daquelas semanas que passámos os dois naquele oasis maravilhoso à beira-mar plantado pelos vossos fiéis subditos Agostinho Sarmento e Costa Limitada. . .

EL-REI

— Ilimitada, quereides dizer! Pois aí mesmo estavam na torre mais alta os meus melhores cabedais. . .

D. BRIOLANJA

— E tudo o vento levou. . .

EL-REI

— Nem tudo, minha estremosa esposa. Ficaide a saber — mas guardaide prudente segredo — que por sábias manobras e congeminções, já consegui retirar dessa torre mais alta as minhas reais fanfas. . .

D. BRIOLANJA

— Que dizeides? Vós conseguisteis isso? Oh preclaríssimo monarca! Oh espelho de virtudes! Oh maiestade dos meus sonhos! E eram muitas fanfas que lá tinheides guardadas?

EL-REI

— Hum. . . para aí qualquer coisa como quatrocentos e quatrocentos e cinquenta mil dobrões!

D. BRIOLANJA

— Ai que me dá uma coisa! E como conseguisteis vós isso?

EL-REI

— Senhora, um rei tem sempre os seus dedicados servidores, até no exílio!

D. BRIOLANJA

— E grandes perigos terá esse mensageiro corrido! Valente raça é a nossa. . .

EL-REI

— O mensageiro por acaso nem era da nossa raça. Foi um camone mercenário que fez o assalto, e com uma limpeza que até chateia!

D. BRIOLANJA

— Ai que feliz que eu sou! Posso agora realizar o grande sonho da minha vida!

EL-REI

— Certamente! Dizeide qual é, que certamente o conseguireis. Fanfas não faltam!

D. BRIOLANJA

— É que agora que já temos dote, já poderemos casar a nossa prendada filhinha Natalina Aldegundes. . .

EL-REI

— Não sejaides mentecapta, estultíssima consorte. Para convencer algum varão a desposar a nossa filha, não chegava nem a fortuna de dez torres ainda mais altas do que aquela. Já vos olvidasteides que ainda no outro dia um estrangeiro que passava pelo jardim que deu uma banana julgando que se tratava dum chimpanzé amestrado?

Ao que diz a notícia, os cientistas soviéticos, usando uma especial mistura à base de "silicone", conseguiram obter o crescimento de longos cabelos, em laboratório e, dizem que, tal sucesso, poderá resolver o caso da calvície humana. A ideia dos cientistas é, simplesmente, o uso directo da tal mistura na restauração das cabeleiras. E, quando não se forneçam pormenores, diz-se na notícia que, as experiências já efectuadas em seres humanos dão as maiores esperanças.

Não se arrepelem, pois, os carecas. . . Será só uma questão de tempo. . . e calma. E, como para nós já não existe "cortina de ferro" nos passaportes — nem para os russos existe a "cortina Pide-D.G.S." — os que tiverem dinheiro para isso, vão dar um passeio a Moscovo e arredores (para ver como aquilo realmente é: se diferente ou como se pintava. . .); os de menos recursos aguardam que eles venham até cá, pois não acreditamos que, depois de ajudarem tantos de "barba dura", deixem de dar uma ajuda aos carecas da nossa terra. Esperança, pois, amigos. . . e não desanimem de ainda virem a ter uma farta cabeleira natural — que, mesmo que venha da cor da origem (russa) sempre se coadunará melhor com uma personalidade isenta de complexos do que uma careca prematura. Sim, porque isto interessara, sobretudo, aos

que uma careca é coisa muito respeitável — e, é, de facto, nesse caso — o que não quer dizer que se falte ao respeito aos carecas novos. Mas, lá que chega a ser quase uma "infelicidade" (e motivo de gozo) para alguns, isso é indesmentível! Daqui fazemos votos para que a boa nova se confirme, até para que se acabe o chorudo "negócio" de certos aldrabões das cabeleiras artificiais. . . garantidas. Garantidas para eles (os do negócio, claro), que embolsam as "massas" e deixam as pessoas que lhes caem nas mãos ainda mais complexadas que dantes. . . Para esses, também não será mau chamarmos a atenção dos carecas e, também, da Polícia!

ARIM



Dai a bocado veio um a dizer que as eleições tinham sido antecipadas. Chica que nessa altura a gente olhou uns para os outros com os queixos dez centímetros abaixo da linha de navegação. Mas depois ele esclareceu: — É pá, as eleições que eu estou a dizer são as do Académico! Boatos. . .

MANICURE BAR

Leonel

CABELEIREIRO DE HOMENS

Rua Gonçalves Crespo N.º 37-B Tel. 561880

BOUTIQUE PERFUMARIA

ZÉ GATO

Pois aqui há tempos tínhamos recebido aqui um lancinante grito de alma a clamar saudades do Zé Gato. A gente limpou uma lágrima de compreensão pela dor do Ezequiel, e guardamos. Mas o Zé Gato foi ontem fazer um visto em Glasgow (claro que vocês já perceberam que eu estou a escrever isto na quinta feira...) e assim não resistimos a trazer a lume (até porque tanto cá como lá está muito frio), esse apelo saudososo, doloroso e amistoso do Ezequiel pelo Zé Gato. Aí vai:

Os guarda-redes são uns indivíduos que aparentemente têm uma vida melhor do que os guarda-rios, os guarda-costas, os guarda-chuvas e os guarda-nocturnos. Os guarda-redes só trabalham ao domingo à tarde e reformam-se muito cedo, levando para casa, entre outras coisas, uma boa cabazada de "Frangos"...

De guarda-redes própria

mente ditos, lembro-me do Capela no tempo em que o Belenenses ainda não tinha o azar de ter o almirante Tomaz como "torcedor". Lembro-me do Azevedo no tempo em

Quando voam e tombam com fragor, adora! Quando saíam de charola, aplaudo! O guarda-redes é para mim o centro das operações, o homem que come poeira, que cospe relva,

rou o maior guarda-redes do mundo. E quando essa pantera que é o Eusébio levantava o Estádio com a sua inspiração, eu esperava o momento do Zé Gato brilhar. O que é

ou o Zé Gato? Prefere Cardoso Pires ou o José Henriques? Prefere Sonasol ou Zé Gato? — De Norte a Sul do país, essa alcunha tinha um sortilégio especial, despertava uma unanimidade de simpatias e opiniões.

Contudo, o destino é implacável com os ídolos das multidões. E como há o Crespículo dos Deuses, houve o Crespículo do Gato. O seu nome passou à reserva. Começou a ser esquecido. Os optimistas comentaram: — "O Gato ainda tem unhas". Os pessimistas declararam: — "É Gato que já não mia".

Mas um Gato tem sete folgos e o Zé Gato ainda não os gastou todos. Há-de voltar mais Gato do que nunca, sempre o Zé Gato que foi uma "estrela" tão grande como o Leão da Metro-goldwyn-Mayer. E embora andemos afastados dos estádios, nesse dia iremos ao futebol!

Ironto, amigo Ezequiel, e dedicados admiradores do Zé Gato. Ficaram satisfeitos? Eu cá só fiquei chateado por ele não ter defendido pelo menos um dos penalities. Porque o jogo foi ganho só pela aze-lhice daquele bife duma vaca que atirou a bola para fora. Porque se o Zé Gato tivesse defendido um dos penalities, então sim: então até eu lhe chamava... lhe chamava... lhe chamava... bichaninho... bichaninho...



OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
Rua Conde de Redondo
n.º 12-2.º — LISBOA
Tel. 53 85 85—53 79 49
4 86 68—56 31 58

Impresso no JORNAL DO COMÉRCIO

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho — Lisboa

que o Sporting ainda não recorria à claque da gaíta de foles. Lembro-me do Barrigana no tempo em que no Porto ainda não se falava argentino, brasileiro e peruano. Lembro-me do Martins no tempo em que o Benfica ainda não tinha relvado. Lembro-me do Correia, esse colosso com o defeito de ter medo do Peyroteu no tempo em que o Atlético era tal qual é hoje...

Porque o que eu aprecio verdadeiramente são as cabriolas dos guarda-redes. Quando eles afocinham aos pés de um avançado, deliro!

a pedra-de-toque, o espectáculo!

Vi o Ben Berek (no tempo das gasosas e pirolitos), Preféria o Da Rui. Assisti aos "dribblings" do Matateu. Gostava mais dos voos do Costa Pereira que o Puskas conside-

natural. Entre uma pantera e um gato, não há outra opção...

José Henriques, vulgo Zé Gato, já foi um ídolo, um desses homens que está em todas as conversas. Perguntava-se: — Prefere caldo verde

PARA GRANDES MALES...

- transito...
- consumo...
- peso...

GRANDES REMÉDIOS!

A HONDA

IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, N.º 59 - B - TEL. 7689 13



CONJUNTOS MUSICAIS para todo o país

A J

Rua F, Lote 1, R/C-B
Olivais Sul — Lisboa 6
Telefone 316354

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS

A MAIS
FÁBULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉ-
TICA E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FÁBULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"